

Tradições do Natal Português

José Carlos Vilhena Mesquita

Num país como o nosso, de reduzidas dimensões territoriais, é impensável que a festa da Natividade assuma proporções etnográficas dignas de elevado relevo. Além disso, em quase todo o mundo se celebra idêntica data, se bem que nem sempre com o mesmo espírito religioso e festivo que nós, europeus, lhe outorgamos.

Na realidade, desde os primórdios do cristianismo que se celebra esta solene data, muito embora se deva salientar que no início do século V se comemorava o nascimento de Cristo no mês de Janeiro, e no ano de 432 festejava-se simultaneamente no dia 25 de Dezembro a Natividade e a adoração dos Reis Magos. O estabelecimento desta data como aniversário do nascimento de Cristo deve-se a São João Crisóstomo, que no panegírico de S. Figolonio, pronunciado no ano de 386, defendeu a sua autenticidade. Houve, porém, que esperar pelo pontificado de Júlio II para definitivamente se estabelecer como dia de Natal a data de 25 de Dezembro.



Gentile da Fabriano, Adoração dos Reis Magos, 1423, têmpera de ouro e prata sobre madeira, dimensões 300x282cm, Galeria Uffizi, Florença

A primitiva festa da Natividade consolidou-se durante a vigência do Papa Sisto III (432-440), e apontava já para o estabelecimento de duas celebrações bastante características: a do Presépio e a da Santa Missa, com as respectivas orações litúrgicas. A primeira deu grande impulso ao carácter

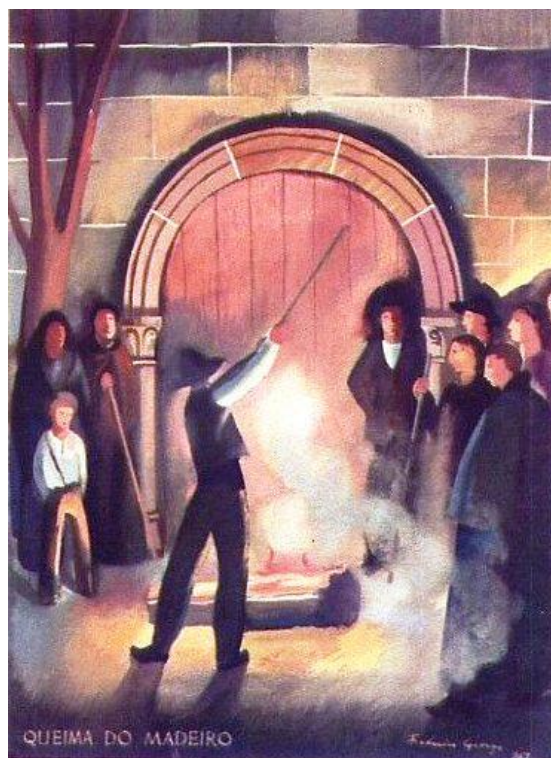
festivo da celebração e realizava-se principalmente na basílica romana de Santa Maria, que passou desde então a denominar-se *ad praesepe*. Quanto aos ofícios litúrgicos, celebravam-se no mesmo templo e tinham um acentuado carácter mariano, obedecendo à clara intenção de converter a Natividade numa vigília nocturna, semelhante à que se celebrava na Páscoa.

A devoção e o gosto pela festa da Natividade acentuaram-se ainda mais quando o Papa Teodoro, no século VII, trouxe para Roma as relíquias do berço do Menino Jesus e das manjedouras dos animais que aqueceram a sua nudez. Muito embora nos pareça existir em tudo isto algo de fantasioso, o certo é que ainda hoje se veneram essas relíquias como se fossem autênticas. Por certo, o que importa é a sua simbologia e não a sua verosimilhança.

Tradições do Natal Português

Associada à festa do Natal celebravam-se durante a Alta Idade Média três missas rezadas pelo Papa na Igreja de Santa Maria Maior, sendo de realçar a primeira, a da meia-noite, popularmente designada por missa do Galo por ser *propiaquante gallorum canti*. A segunda missa, a da alvorada, rezava-se na Igreja de Santa Anastásia, já inexistente, e a terceira na Basílica de São Pedro, às quais se outorgava um profundo sentido místico, já que a primeira significava o nascimento de Cristo, a segunda a felicidade que Cristo veio trazer aos homens e, a terceira a realização das promessas da lei santa.

Presentemente só a missa do Galo prevalece na tradição cristã e no espírito popular, se bem que a corrosão dos tempos e o materialismo da vida actual haja desbotado o seu significado. De qualquer modo, há que assinalar a permanência de algumas tradições de raiz medieval, que, nas terras do interior, ainda se vão mantendo, mau grado a aculturação motivada pelo surto emigratório. Mesmo assim, a época natalícia tem um carácter telúrico e vigoroso que, em certas regiões, especialmente em Trás-os-Montes e nas Beiras, assume-se como fonte de inspiração e de conhecimento no domínio da etnografia e da demopsicologia. As características mais comuns do Natal Português são: a queima do madeiro ou cepo de Natal, a consoada, a Missa do Galo, o presépio, as Janeiras e Reis, os cortejos evocativos dos Reis Magos e os autos, entremezes e vilancicos.



Frederico George, *queima do madeiro*, 1947, bilhete-postal natalício, edição dos CTT, 1950.

A queima do madeiro ou do cepo

Em praticamente todas as províncias do País se verifica a tradição do fogo da lareira familiar, alimentado por um enorme toro de madeira, que no Minho tem o nome de Canhoto, enquanto nas restantes regiões lhe chamam madeiro ou cepo.

Conforme a tradição, é preferível que o cepo seja de oliveira, árvore da paz, por ser dessa madeira a cruz de Cristo. Por outro lado, associam-se-lhe tradições profanas, pois que quanto mais grosso ele fosse mais gordo seria o porco para a matança do ano. Além disso, também se lhe atribuem poderes sobrenaturais, pois que os restos que não arderem serão guardados para com eles se preservar o lar das trovoadas e outras iras divinas. E para provar esta

Tradições do Natal Português

regra muitas lendas dramáticas se narram contra aqueles que violam a tradição e a crença do povo.

No fundo, a incineração do madeiro ou ceppo não é mais do que a revitalização do fogo simbólico originário do rito pagão, que nos adros das igrejas e capelas crepita, abrasivo e luminoso, por entre os grupos de jovens que lhe dedicam inúmeras quadras do vasto cancionero natalino.

A ceia grande ou consoada

Normalmente designada por festa da família, por se reunir à mesa a maioria



Consoada moderna: peru de natal, e outros suculentos pratos em mesa farta de lar abastado

dos familiares, era costume realizar-se a consoada depois da Missa do Galo. Contudo, hoje, essa tradição já se vai perdendo devido ao desuso das antigas ceias. E na composição das ementas é que se constata algumas heterogeneias de carácter antropológico resultantes das assimetrias sociogeográficas. Assim, enquanto no Minho predomina o bacalhau cozido com batatas, ovos e tenros, “tronchos” de “coivão” da horta, em Trás-os-Montes, no Centro Litoral e no Alentejo assa-se o leitão ou come-se um lauto assado de porco, regado com bom vinho novo. Por sua vez, na Estremadura, no Ribatejo e nas ricas casas beirãs, come-se o tradicional peru recheado de acepipes saborosos, enquanto no Algarve nos deliciamos com o lendário pitéu da carne de porco com amêijoas e linguiça assada, prato já caído em desuso mercê da aculturação turística do peru.

Paralelamente ao “presigo” e outras viandas, as mesas, os armários e escaparates, estão repletos de doçarias de toda a espécie, variando igualmente de região para região. Por exemplo, no Minho os «mexidos» arabescados com canela da Índia, assumem posição de destaque, logo acompanhados pelas deliciosas rabanadas ensopadas no mel doirado, pelo leite-creme crestado com açúcar caramelizado, pelos pratos de aletria, pelo pão-de-ló e bolo-rei, este ultimo já importado desde há longa data. Nas Beiras confeccionam-se filhós



Estrelas de figo, peculiares do natal algarvio

Tradições do Natal Português

estendidas. fatias-douradas, coscorões, bilhós, pães-leves, merendas, bicas e arroz-doce. No Douro, comem-se rabanadas, formigos, mexidos, sopas secas, ovos queimados, sonhos, arroz-doce, aletria, figos, uvas-passas e vinho quente. No Ribatejo tem especial relevo o bolo-podre, as broas, os bolos de gema e as azevias compostas por grão, arroz-doce e filhós. No Alentejo saboreiam-se as filhós, azevias, sonhos, borrachos e os nogados, à base de nozes, amêndoas ou pinhões misturados com mel. Finalmente, no Algarve, apreciam-se doirados fritos escorrendo mel, filhós, bolinhóis, empanadilhas de batata-doce, figos, pinhões e nogado.

Como facilmente se depreende, é ao nível da doçaria que as diferenças se acentuam, se bem que a gastronomia seja igualmente um indício da personalidade do nosso povo. Mas passemos adiante.

A Missa do Galo

Atendendo a que se trata duma celebração religiosa, não se radicalizam quaisquer heterogenias regionais. No entanto, pela circunstância de só se realizar nesta quadra do ano, não podemos deixar de salientar a sua singularidade litúrgica. Mas



A Missa do Galo, ilustração de Alfredo Moraes, ed. António Vieira, Lda., Lisboa, s.d.; coleção de postais «Meses do Ano», Dezembro.

como especial atractivo registe-se o desvelamento do Presépio, que ate aí permanecia envolto numa cortina para dar ao acto um carácter mais solene. O pároco, após dar a conhecer a ingénua composição de figuras de barro. Celebra a missa enquanto o povo entoa cânticos de Natal. Por fim, o pároco dá o Menino Jesus a beijar aos fiéis, que silenciosamente lhe pedem protecção, saúde e mercês.

Como nota curiosa, é saliente nesta altura da festa a alegria e boa disposição dos presentes, alguns dos quais já um pouco toldados pela bebida.

O Presépio

A origem dos presépios remonta a São Francisco de Assis, que teve a genial ideia de fazer reviver, através da arte popular, as cenas bíblicas directamente relacionadas com o nascimento de Cristo. Em si mesmos, os presépios constituem uma lição viva de fraternidade, amor e humildade.



Presépio moderno, simples, com decoração natural

Tradições do Natal Português

Compõem o presépio, a Sagrada Família, os Reis Magos e a respectiva cascata com a manjedoura e os animais que aqueceram o Menino. No entanto, o gosto popular acentuou este enternecedor quadro litúrgico com o acrescentamento de centenas de outras figuras da sua própria existência socioeconómica, como é o caso dos gaiteiros, moleiros, moinhos, açougueiros, pastores, ferreiros, sapateiros, sem esquecer naturalmente a tradicional cena



Presépio da Basílica da Estrela, em Lisboa, da autoria de Machado de Castro, e datado do séc. XVIII

da matança do porco. Aliás, convém lembrar que o nosso país é tradicionalmente ceramista, rico em valores artísticos, alguns deles florescendo em grupo, como são exemplo as escolas de Lisboa e de Mafra. Com especial relevo para os discípulos de Machado de Castro. Na Estremadura as igrejas locais pugnavam pela realização de maravilhosos presépios e rivalizavam com os de Coimbra, Aveiro, Viseu e Lamego, igualmente notáveis pela

majestuosidade e profusão das suas figuras.

Armados nas igrejas, expostos admiração e culto dos povos, os presépios funcionam ainda hoje como principal atractivo religioso para a Missa do Galo. Pena é que nas residências particulares se vá cedendo à importação profana das escandinavas árvores de Natal, que nada tem de católico nem de latino. O mesmo se verifica com essa figura pouco significativa que é O Pai Natal. Igualmente originário das regiões rígidias do Norte da Europa.

As Janeiras e os Reis

O cantar das Janeiras e o domínio, quicá o mais rico, do Cancioneiro Popular Português. A sua origem remonta igualmente ao tempo do paganismo em imitação das Saturnais Romanas que, ao converterem-se à religião crista, assumiram foros da maior originalidade.



Cantar as Janeiras, bilhete-postal emitido pelos CTT em 1942, com ilustração de Laura Costa

No ancestral cantar das Janeiras está contido todo o espírito popular, a criatividade; a beleza, o encómio e o escárnio. Muito embora neste domínio se acentuem as heterogenias regionais, é, no entanto, comum a todo o País a composição de pequenos grupos corais, normalmente acompanhados de instrumentos musicais, que percorrem os mais variados lugares da sua

Tradições do Natal Português

freguesia ou vila, batendo às portas e entoando loas religiosas à mistura com



Postal ilustrado de Natal, edição dos CTT, 1950, il de Frederico George.

quadras de fino gosto popular. O objectivo era serem bem recebidos pelos moradores que lhes ofereciam doces e vinho. Mas, caso não correspondessem a contento, eram “mimoseados” com canções de chacota, por vezes achincalhantes, e não raras vezes culminadas por cenas bem tristes e desnecessárias. As esmolas recebidas, em géneros, guloseimas ou dinheiro, eram em certas regiões destinadas à ceia ou festa do grupo, enquanto noutras paragens revertiam a favor das almas do Purgatório. No Algarve são bem conhecidas as tradicionais charolas que na orla marítima do Sotavento ainda se mantêm com o mesmo fulgor de há dezenas *de anos atrás*.

A recolha deste riquíssimo espólio da nossa

literatura oral, foi, em parte, compilado por José Leite de Vasconcelos, Ataíde Oliveira e muitos antropólogos, amadores ou profissionais, que percorreram o País de lés-a-lés.

Os cortejos de Reis Magos

Esta tradição dos cortejos dedicados ao tema bíblico da adoração dos Reis Magos tem vindo progressivamente a desaparecer, se bem que em Coimbra e na aldeia de Tentúgal ainda se conserve na plenitude da sua beleza etnográfica.

Assim, em Coimbra, desfilam bandas de música acompanhadas de crianças de batina vermelha e cota de renda branca, transportando consigo turíbulo de incenso e oferendas para o Menino Jesus. Seguem-se os homens que ostentam bandeiras engalanadas e archotes em ignição, como que a abrirem caminho aos Reis Magos, cujas roupagens sumptuosas e



Auto dos Reis Magos, representado em Tentúgal, foto antiga

brilhantes denunciam a presença real. Nesta conformidade percorrem as ruas da cidade até à Igreja de S. Bartolomeu, em cujo adro se representa um auto

Tradições do Natal Português

popular alusivo ao carácter festivo da própria comemoração. Por fim, procede-se ao leilão das oferendas, após o que o pároco dá o Menino a beijar.

Na pacata localidade de Tentúgal, o cortejo é precedido por numerosos gaiteros e clarins que dum forma ruidosa e alegre se anunciam a aproximação do desfile. Este é encabeçado por um arauto, logo seguido por uma estrela brilhante e majestosa alusiva àquela que guiou os Reis Magos até Belém, e um pouco mais atrás desfilam as três altezas reais com as respectivas oferendas de ouro, incenso e mirra, que se fazem acompanhar pelos seus pajens e pelo numeroso público presente. Após percorrerem as ruas da povoação dirigem-se à aldeia de Ribeiva de Frades, de onde regressam a Tentúgal para confraternizarem em simultâneo com o povo de ambas as localidades.

No fundo, trata-se de um cortejo de carácter religioso, mas nem por isso menos importante do ponto de vista etnográfico, que merece ser preservado e minuciosamente estudado.

Autos entremezes e vilancicos

A origem dos autos de Natal perde-se no tempo e crê-se que as primeiras representações deste género teatral foram impulsionadas pela própria Igreja para melhor divulgar as suas doutrinas. Em Portugal, o dramaturgo que mais êxitos alcançou no teatro popular foi Gil Vicente, sendo ainda hoje as suas peças muito apreciadas e procuradas pelo público. Muitos destes autos tem um carácter estritamente popular e por esse país fora ainda se representam



Auto de Floripes, é a mais popular representação teatral da cultura natalícia, não só no país como no Brasil e antigas colónias de África

anualmente. Recorde-se, por exemplo, em terras de Viana, o «Auto de Floripes», também celebrado no Brasil, e até nas antigas colónias, largamente estudado por especialistas, e que constitui ainda hoje notável atractivo turístico na quadra natalícia. Infelizmente, os grupos de teatro amador espalhados, por esse país fora, não costumam aproveitar esta fonte de inesgotável riqueza

etnográfica, para darem a conhecer à nossa juventude algumas das tradições mais genuínas da nossa cultura popular.

Quanto aos entremezes, que eram curtas representações teatrais de espírito jocoso ou burlesco, e vulgarmente designadas por farsas, foram o género literário que Gil Vicente mais cultivou no decurso da sua obra. Presentemente,

Tradições do Natal Português

os entremezes são um género dramático caído em desuso, e só muito raramente, nas recônditas aldeias transmontanas e beirãs são representados em público, por dedicados grupos de amadores da arte de Talma.

Finalmente, os vilancicos são madrigais que se cantavam nas igrejas por ocasião do Natal (e também dos Santos Populares), que hoje caíram quase no esquecimento, sendo raras as localidades em que ainda se conservam.

Enfim, de um modo geral, procurando ser sucinto, penso que sobre as tradições do Natal português muito mais haveria para dizer, se bem que



Representação do Auto de Floripes na Ilha de S. Tomé e Príncipe

cairíamos no aprofundamento das questões levantadas o que só contribuiria para a saturação do leitor. Em todo o caso, a conclusão mais evidente que se pode extrair sobre as tradições etnográficas do Natal português, é que se estão progressivamente a esbater, perdendo relevo a efusividade da festa natalícia, a sua exterioridade vivencial, a mesclagem do profano com o religioso... E até mesmo a consagração da família, cujo amplexo social da ceia divina ou da moderna consoada, tem vindo a degradar-se, pelas vicissitudes do independentismo, do egoísmo e da ambição material, que no seu pernicioso sentido psicológico, constituem os grandes pecados mortais da sociedade moderna. As novas mentalidades são cada vez mais materialistas, perdendo sentido o espiritualismo das tradições, das representações artísticas da cultura popular, e sobretudo da atracção telúrica, que dá o sentido de pertença do homem à terra e à natureza.

O Natal, que foi outrora uma festa religiosa virada para a consagração e para o estreitamento dos laços de família, é hoje cada vez mais uma festa íntima, do lar de cada um, isolada de convívio e de partilha, apenas preocupada na troca de prendas, uma expressão egoísta do sucesso social e da riqueza material.

(artigo publicado no matutino «Diário de Notícias» em 24-12-1982)